E se L'ergothérapie[1] For uma Condisciplina[2] por Ser Indisciplinada?

JEAN-PHILIPPE GUIHARD
TRADUÇÃO: BEATRIZ VOGEL
REVISÃO: JÔ BENETTON

Resumo

O objeto deste artigo é refletir sobre o estatuto de *l'ergothérapie e* traçar algumas trilhas sobre a eventual criação de um estatuto científico, portanto, de uma ciência *(ergologie, ergon-analyse...)*. Após observar em que contexto do registro profissional, ou da disciplina, *l'ergothérapie* está inscrita, recorreremos a diferentes sufixos (pluri, multi, inter, trans...) com a finalidade de propor uma nova modalidade de reflexão que possa ser constitutiva de uma ciência *ergothérapeutique.*

Palavras-chave

Ergologie,
Indisciplina,
Profissão,
Ciência,
Ergothérapie.

Preâmbulo

Este artigo foi escrito para a revista francesa *ErgOThérapie* e aborda a dolorosa questão do estatuto da nossa profissão na França. Na França, a *ergothérapie* não é ensinada em curso universitário, e assim o *diplôme d'État* de *ergothérapeute* não é um diploma universitário. Há um certo ressentimento, um certo complexo de inferioridade na França e alguns profissionais gostariam de criar uma disciplina universitária, d'*ergothérapie,* a fim de se engajar nas modalidades das inter ou trans disciplinas.

Introdução

Podemos dizer que *l'ergothérapie* está inscrita no pluri, multi, poli, inter, trans profissional e não em uma disciplina, pois *l'ergothérapie* é uma profissão e não uma disciplina médica como o são a ginecologia, a psiquiatria, a reumatologia. Não é para menos que a expressão mais utilizada é a pluridisciplinar. É possível de pronto perceber que nesta perspectiva de negação de um estatuto de disciplina, *l'ergothérapie* perde seu estatuto de ciência. Mas, se postulamos que ela é uma disciplina não médica, isto também não é satisfatório, pois ser um *não* alguma coisa não qualifica em nada seu estatuto, seu objeto, seu sujeito. Esta negação desqualifica *l'ergothérapie.*

Compartilhamos este ponto de vista, mesmo que algo nos aflija ou incomode, pois a argumentação tem evidências demasiadamente fortes. Após observar em que *l'ergothérapie* questiona a dupla dimensão da profissão e da disciplina, proporemos, a partir do estudo dos prefixos pluri e inter, uma nova modalidade de reflexão e de articulação entre as disciplinas científicas, das quais gostaríamos de fazer parte.

Profissão

L'ergothérapie é uma profissão a mesmo título que a do médico e a profissão do encanador. Isto quer dizer que ela é praticada profissionalmente enquanto emprego; pelos seus atos é remunerada e suas são tarefas realizadas. Estas tarefas são "dadas" por uma definição social que instituiu, a um momento e em contexto particular, os atos realizáveis pelos profissionais em questão. Na França, estas definições d'*ergothérapie* foram apresentadas em novembro de 1970, em novembro de 1986 e em fevereiro de 1995. Certamente as definições existiam previamente nos usos e costumes, mas foi pela lei que o político instituiu a profissão *"ergothérapie"*. Deste procedimento, deriva uma imobilização

da nossa profissão, que ficou socialmente estagnada, dentro da lei, bem como a retificação sofrida no sentido do termo *ergothérapie*. Seria justamente esta dimensão profissional que impede uma evolução desejada e iniciada pelos profissionais? Em outros termos, como fazer passar a formalização de *l'ergothérapie*, quer dizer, colocar em forma, conforme as evoluções na lei afim de que *l'ergothérapie* se solte do enquadre estrito onde está inserida como profissão. Parece-nos que limitar *l'ergothérapie* a uma profissão é fechá-la e excluí-la do campo do conhecimento, e assim da disciplina, quando consideramos que o sentido aceito desta palavra é: "se diz das diversas áreas do conhecimento (1409) Mod. (moderno)" (Le Grand Robert, 1992).

O argumento preponderante para defender uma profissionalização é que efetivamente não somos uma disciplina médica como o são a reumatologia, a oftalmologia. Trocando brevemente em miúdos, o fato é que também não somos um discípulo do médico, o que quer dizer que não recebemos os ensinamentos de um mestre ao qual somos devotos de corpo e alma. Se fôssemos uma disciplina médica, seríamos doutores em medicina, e poderíamos firmar l´ergothérapie como disciplina e conseqüentemente como ciência. Então, se não somos nem disciplina, nem discípulo, somos então profissão, e profissionais, e agimos efetivamente dentro do registro do pluri, inter, multi profissional.

Um dos problemas é que, no campo sanitário, fora do campo médico, não existe salvação. De fato, ou você faz parte das ciências universitárias, com um número importante de anos de estudo (no mínimo cinco) e é reconhecido por um estatuto científico ligado a seus numerosos anos de estudo, ou não é mais que um auxiliar, um paramédico.

Pode-se ver bem isso, por exemplo, através de nossos colegas enfermeiros em sua tentativa de emancipação da medicina, regulamentada por lei que alterou o decreto de atos. Introduziram, neste, a noção de diagnóstico de enfermagem e de função específica. Infelizmente, estes dois aspectos não são mais que uma ilusão de liberdade em oposição à dominação médica. O problema básico é efetivamente a ausência da disciplina de enfermagem e assim, de formação inicial longa e universitária. Para a enfermagem, a formação inicial permanece limitada a três anos e fora do circuito universitário. A inscrição legislativa de nossas profissões permanecerá no mesmo nível de mimetismo sub-médico. Ter um diagnóstico de enfermagem, ou de fisioterapia, é uma ilusão de autonomia, pois há um laço de dependência, *a priori*, das ciências médicas. É sintomático constatar que este laço de dependência, que os enfermeiros procuram romper, é, por outro lado, por eles negado às auxiliares médicas e às ASH (auxiliares de serviços hospitalares).

Não obstante, a medicina, além de ser uma profissão como a nossa, é também uma disciplina. Será possível então, que possamos vir a ser disciplina? Qual seria seu objeto? Qual seria o interesse em ser uma disciplina; e o que é uma disciplina?

Disciplina

Consideraremos diferentes acepções desta palavra, pois é evidente que esta busca da criação social de uma nova disciplina, uma nova ciência, não deixa de ter um pensamento de fundo egocêntrico e político. Encontramo-nos na posição de alguns de nossos colegas enfermeiros e fisioterapeutas que buscam fabricar uma ciência de enfermagem ou de fisioterapia, participando assim da segmentação, da divisão científica dos objetos de estudo. Mesmo que não possamos negar a necessidade pontual de dividir os objetos de estudo, tendo em vista a complexidade do ser vivo, permanece evidente que fazer a liga para juntar o ser vivo, a vida, e a humanidade é já em si a expressão de uma ética que não busca, ou busca pouco, a dialética entre nossa parte de veterinário e nossa humanidade. O funcionamento institucional do sistema sanitário francês pode, somente, nos deixar perplexos quanto à capacidade dos atores em reunir estes diferentes objetos, em um discurso respeitoso quanto à diferença, mas, que prova apenas o voluntarismo na criação de um nível superior de conhecimento. Este ponto de vista deveria ser acentuado na tomada de posse de conceitos transversais, como o de deficiência e de qualidade de vida, que agora reencontramos em todas estas diferentes profissões. Infelizmente, cada uma delas assume a propriedade destas noções. A arrogância querendo uma reedificação social pela inscrição de prerrogativas exclusivas da lei.

Tendo dito isto, mesmo que *l´ergothérapie* não seja uma disciplina médica, ela não poderia ser simplesmente uma disciplina? Antes de abordar os prefixos (pluri, inter...) nós abordaremos o que é uma disciplina.

Após haver consultado os dicionários, nosso ponto de vista é confirmado: não podemos ser uma disciplina a menos que venhamos a ser dogmáticos e, então, moralistas. Não é para menos. A disciplina, se nós seguirmos os

propósitos do Robert (*N.T.: dicionário de sinônimos francês*), ou da enciclopédia Universalis, é o "chicote utilizado para se humilhar ou para castigar; o castigo que impõem as regras; a direção moral; as regras de conduta destinadas a fazer reinar a boa ordem, a regularidade...". A noção de conhecimento está presente uma vez entre seis ou sete proposições relativas à ordem, à submissão... É possível compreender imediatamente porque nós não nos sentimos parte de uma disciplina que impõe ordens, obediência e conhecimento. Aceitar isto seria pensar a vida como ordenada, objetiva e, implicitamente, considerar que podemos mensurar, "fazer um balanço" da vida. Certo que não podemos nos refugiar atrás da subjetividade pura de um humano não contingente e transcendente, negando igualmente que o humano é também veterinário. Mas é suficiente e satisfatório colocar o veterinário como "asubjetividade" absoluta assim como, objetividade de fato mensurável? Este não é o caso, pois o acesso ao humano decorre da dialética que colocamos entre nossa parte veterinária e natural e nossa possibilidade de aculturação desta natureza (Gagnepain, 1996).

Por que, por exemplo, preconizar uma qualidade de vida implica na negação da quantidade de vida? O encontro, clínico ou cotidiano, da pessoa deprimida nos mostra bem que a qualidade de vida contesta e é trocada pela quantidade de vida. A dificuldade está no fato de que a quantidade é assimilada, ligada ao mensurável. A medida não é nada além do que o desvio frente a uma média e, assim, uma norma socialmente elaborada. Mais implicitamente, a medida da distância nos leva a querer diminuir, reduzir e negar esta mesma distância que é uma diferença em relação à norma. Queremos levar esta distância a zero. Há assim uma negação da diferença, pois medimos para definir objetivos e meios com a finalidade de suprimirmos a distância. Na medida em que esta distância é socialmente colocada, ela nega o sujeito enquanto singular, particular e participante da transgressão do psiquismo sede da diferença?

Não se trata, no entanto, de preconizar um respeito absoluto, tanto que ilusório, do particular e do singular, pois nós sabemos que o singular existe pelo movimento do plural. A medida é mortífera quando o movimento singular-universal é pequeno; quando esta imobilidade é do sujeito ou imposta pelo social. O sofrimento da depressão é o fechamento, com a recusa deste movimento; a dominação na ditadura é a ambição da ordem impedindo um movimento diferente. Mas, nestas duas imobilidades, um movimento sempre subsiste: o que pensa o outro, ou o grande Outro. Isto é visto como perigoso, quando a causa da angústia face ao que é diferente, como o é a negação do sentido vivido, fecha tanto um, como o outro, dentro do "eu tenho razão, eu não sou compreendido", justificando assim o encapsulamento, e as relações pluri confeccionadas como proteção e prova.

A noção de disciplina implica, independente do campo em questão (arte, esporte, ciência), em algum tipo de esforço, e assim de sofrimento. Não será possível inscrever-se em uma disciplina qualquer sem ter que fazer esforços específicos para passar do estatuto de discípulo ao de mestre com tudo o que implica esta sede de (re)conhecimento. A disciplina se entende também enquanto ligada à noção de tempo. Aprender uma disciplina sempre leva um longo período de tempo e requer grande esforço.

Enfim, uma última dimensão nos parece essencial: uma disciplina é um ramo do conhecimento, é uma matéria, uma ciência, uma arte... ensinada. Então, nela está visceralmente inscrita a dimensão pedagógica e didática. Toda matéria, área do conhecimento, para ser uma disciplina deve ser ensinada, e assim, à priori, ensinável.

O mesmo que se diz da disciplina se diz do discípulo e isto não deve nos tranqüilizar, uma vez que lidamos com aquele que recebe, que adere às doutrinas do mestre, que obedece e que segue. Todavia, vimos que para conseguir emancipar-se, desalinhar-se e desempenhar nossa livre submissão, a criação de uma disciplina - *ergothérapie, ergologique, ergon-analytique...* - é uma condição necessária, mas de todo modo, insuficiente.

Partindo do princípio que a disciplina é um ramo do conhecimento, cf. Le Grand Robert, esta definição já coloca um problema de fundo. Ela tem que ser científica? O que é uma ciência? O dicionário fala somente de conhecimento e não de ciência. Sem negá-lo, não entraremos no debate conhecimento/ciência por não ser o objeto principal deste artigo. A ciência tem a ver com o conhecimento, situando-se sob o aval do mesmo. A ciência tem a ver com a prova (Kahn, 2000) - *o verdadeiro/o falso*, o rigor científico como o quer a expressão consagrada. Se nós olharmos a história das ciências, constataremos que toda tentativa de criação de uma nova ciência (biologia, sociologia, psicologia, didática...) viveu um vasto debate entre as disciplinas já científicas e as postulantes. Este debate girava, e ainda gira, em torno da metodologia, ou melhor, do discurso sobre o método. Para ser uma ciência, é necessário utilizar e construir métodos científicos. Será que isto quer dizer um método matemático, lógico, com

probabilidade e irrefutável? O objeto da pesquisa, no fundo, importa pouco. Mas será possível para estes métodos, construídos a partir da clínica, da experimentação, e fundamentados por conceitos?

O objeto de uma ciência deve se inscrever em um dos dois eixos da ciência: seja de estar nas ciências da natureza/ naturais (ciências duras), seja nas ciências do homem (ciências moles). Ora, esta distinção foi criada por aqueles que desejavam criar uma nova ciência, e a quem foi recusado tal estatuto. Esta negação de um estatuto científico por aqueles que já eram cientistas criou novas ciências em oposição às ciências da natureza. Não obstante, percebe-se que este recorte encontra seus limites na genética, por exemplo. A genética é uma ciência só do humano à medida que ela é sensível, ou será uma ciência do ser vivo ou da vida à medida que ela se dirige a todos os organismos vivos, vegetais, animais?

Uma outra diferença está em serem as ciências duras experimentais e de laboratório. As ciências do homem ou tentam ser experimentais para imitar, ou se libertam, por oposição, a fim de encontrar um lugar, mantendo implicitamente seu discurso metodológico baseado nesta oposição. Não iremos mais adiante neste tema sobre a dimensão epistemológica da disciplina e indicamos a leitura das obras fundadoras das novas disciplinas científicas – sobretudo os debates engajados por Auguste Comte e a constituição da biologia – a fim de refletir sobre o contexto da criação de toda nova disciplina científica.

A criação de uma nova disciplina coloca, certamente, questões epistemológicas de base, mas também, e sobretudo, questões políticas e pessoais sobre as implicações daqueles e daquelas que são portadores de um tal projeto. Em que, e porque, esta "vontade de poder" é legítima? O que quer dizer a criação de uma ciência e/ou de uma disciplina tendo como objeto o *ergon?* Não menos importante é que nossa reflexão sobre o *ergon* questione a ideologia subjacente ao lugar desta atividade humana, ao ceio da cidade, da sociedade e que, para parafrasear P. Ricoeur, passemos "do texto à ação".

Os prefixos

Vamos expandir nosso objetivo, olhando em torno da disciplina, então, os prefixos que são acoplados, tentando nos libertar da armadilha e buscando uma nova corrente paradigmática, uma vez que, manifestamente a disciplina se parece bastante ao "paradogma". Conseqüentemente, este neologismo "paradogma" nos faz pensar que o "para" protege o dogma, assim como protege da chuva e do trovão. *Para*, proveniente de raiz latina, remete à proteção contra (pára-quedas), ao passo que, quando proveniente de raiz grega, um dos sentidos é de vizinhança, o "ao lado" (parapolítico).

"O elemento PARA (...) serve para formar palavras que evocam fenômenos marginais: PARAFISCAL, PARAMÉDICO...".[2] O primeiro reflexo é de se sentir ofendido por esta qualificação de "marginal", que, no senso comum, evoca aqueles que vivem fora da sociedade, recusando as normas, e aqueles que vivem excluídos, não por ato próprio. Todavia, se olharmos de mais perto esta noção de margem, e de marginal, constatamos que a margem é o "*intervalo de espaço ou de tempo, latitude que se dispõe entre certos limites* (Le Grand Robert)". Dentro da margem, há a margem de liberdade, de erro, há a incerteza, a possibilidade, o potencial, a... Trata-se de um espaço onde se pode agir fora da norma, fora do que é previsto, há a margem de tolerância e de manobra. Trata-se daquilo que vivemos na clínica, onde o espaço é um espaço de jogo, um lugar de articulação com uma dimensão elástica, permitindo que a relação possa evoluir, se aproximar, se distanciar, vivenciando um potencial de ponto de ruptura.

Jogando, então, com as raízes latinas e gregas somos protetores dos médicos, somos quase médicos, não médicos, protetores contra os médicos, ou simplesmente marginais?

Temos o fato de que, e para continuar "disciplinados", as relações entre as diferentes disciplinas são qualificadas de pluri, de multi, de poli, de inter, e mesmo de trans. Mas o que encobre estes prefixos, usados muitas vezes sem distinção?

Sejamos poli, multi, e mesmo pluri

Pluri, multi, poli caracterizam o número, o plural do singular, uma relação aritmética. Eles implicam no fato de que é necessário ser ao menos dois para que possam ser utilizados. De maneira alguma estes prefixos descrevem o tipo de relação, a qualidade da mesma. Trabalhar em uma equipe pluridisciplinar quer dizer somente que se trabalha em várias disciplinas sem precisar como estas equipes trabalham, sem presumir as relações que elas podem manter. Pode-se mesmo precisar que lidamos com uma equipe tetra disciplinar, deca disciplinar... Desta etimologia decorre que estes prefixos subentendem, no mínimo, uma relação. Há um consenso implícito entre as disciplinas, os profissionais, sobre o menor denominador comum. Trata-se de uma justaposição das individualidades de cada disciplina que se

reúnem exclusivamente em relação a seu saber-fazer, sua especialização. Não se trata de uma equipe, que, como equipe, implica cada membro atuando como suporte de criação de um nível de relação e de realidade superior. Não há implicação dos membros da equipe na relação, e cada um é intercambiável, cada membro podendo ser substituído por um outro de sua profissão, de sua disciplina, sem que isto coloque problemas particulares, pois o menor denominador comum não é portador de projeto e de unidade, cada um trabalha por si. Um dos mecanismos implícitos neste tipo de relação repousa sobre a vontade de cada um ter razão, de querer o bem de todos. Como meu ponto de vista é o bom, ele deve prevalecer sobre o dos outros e ter o valor universal do bem. Mas, uma vez que os outros se apropriam do meu ponto de vista, há o perigo de espoliação, de roubo deste ponto de vista, e sentimento de perda, com a reclusão em si mesmo e o fechamento como mecanismo de defesa.

Estes prefixos implicam em uma certa distância entre os membros. Estamos dentro da configuração de relações pluripessoais, o que quer dizer pessoas, umas ao lado das outras, no saguão de uma estação. Esta é uma distância de separação, que abre um espaço, um abismo, que descobre os limites, as fronteiras e os territórios. As portas de acesso respectivas são vigiadas e impedem todo jogo entre estas disciplinas. Sendo este "espaço entre" uma interdição de encontro, de contato. Ele é desejado vazio, protetor e será objetivamente neutro, independente daqueles do entorno. Este vazio é imóvel, estável e impede todo contato. Uma vez que há contato, e que este se produz fora dos protocolos elaborados para restringir os encontros, então, há trocas; este contato é vivido como uma agressão ou uma ingerência. Neste nível de relacionamento não há mais margem, há somente as fronteiras preservando a integridade de cada disciplina e o paradoxo faz que esta pluridisciplinaridade não seja favorável à *ergothérapie*. Por que um funcionamento não é preservado propício a cada interventor? Justamente porque *l'ergothérapie* não existe como disciplina, ela é apenas profissão. Há então nenhuma ou pouca coisa a preservar.

Do inter (e) do trans

O inter e o trans estão em uma dimensão diferente, pois caracterizam, certamente, o número de interventores, mas, sobretudo, propõem as modalidades e os objetivos desta ligação. Estão ambos dentro da lógica de elaboração do sentido. Propõem o plural, mas também o singular, pois os protagonistas buscam criar uma unidade de equipe, unidade respeitosa das diferenças. É a multiplicidade que cria o singular e desta singularidade emerge um nível superior de realidade.

Passamos do agrupamento à equipe; de um nível primário de relação que implica cada um na sobrevida da equipe, para a criação de um inconsciente coletivo e de um objetivo coletivo. As fronteiras não são negadas e um espaço de relação se abre entre seus membros da equipe. Um espaço que permite um movimento entre cada disciplina e a colocação no jogo da alteridade. Cada um aprende do outro e este espaço "inter-trans" permite a criação de um novo objeto de pesquisa, de trabalho ou de cuidado. É através desta dimensão do movimento e de uma ligação, onde a equipe se exprime, que o interdisciplinar elabora uma diferenciação-fusão. O vazio entre as disciplinas não causa medo, é mesmo desejado, pois ele permite o lugar de cada um para ser e criar.

A interdisciplinaridade vive e evolui através da alteridade de seus componentes e se nutre dos mesmos. A etimologia "inter" é muito fecunda e participa na formação de dois tipos de palavras: as que invocam um espaço de lugar ou de tempo entre o objeto designado pela palavra de base (inter-relação, quer dizer, o quadro de pessoal da relação em unidade de lugar e tempo) e as palavras que evocam relações entre vários associados designados pela palavra de base (interministerial, o que quer dizer as relações entre ministérios, sem precisar o quadro destas relações). Este espaço, por outro lado, por ser "inter" designa o lugar e o tempo, instala um quadro de pessoal que reinvoca o humano, então, toda relação como unidade de lugar e de tempo. Em nível de clínica, estamos dentro das relações interpessoais, e para dar um exemplo ferroviário, estamos na situação dos passageiros esperando um trem em um dia de greve. Há uma relação e um espírito de corpos que emerge no vivido entre as pessoas.

A transdisciplinaridade vai além, ela atravessa as disciplinas para transformá-las e criar um outro nível superior de disciplina, uma metadisciplina. De fato, a diferença está no potencial de criação de novas disciplinas. O interstício é procurado como portador de limites e de impureza, uma vez que nos dá acesso ao conjunto do ser. Mas, como precisa J-B Pontallis, "o quadro permite a análise, ele não a produz. É preciso ao pintor os limites de uma tela para que o ilimitado de uma paisagem apareça...", este quadro nos dá acesso a níveis superiores, ao objeto de base que está ligado ao prefixo. Não há a possibilidade do intercâmbio *a priori*, mas na relação. Os membros estão ligados também pelo afetivo e não podem ser substituídos facilmente. É

justamente este ilimitado que busca o prefixo trans, através e além daquilo que é conhecido.

Há uma ruptura epistemológica entre o pluri e o inter, pois o inter contêm o pluri, mas a recíproca não é verdadeira. Uma vez fazendo parte das relações interprofissionais, você pode, em um momento dado, deslizar em direção à relação pluriprofissional sem angústia, pois você sabe que a base da relação repousa no respeito ao outro. Enquanto que se você evoluir na pluri e multi profissional ou disciplinar, você não pode deslizar para o inter ou o trans, pois as relações repousam na indiferença e ou na desconfiança. A passagem é muito custosa, afetivamente e psicologicamente.

No pluridisciplinar não é apenas mais a justaposição, mas nós vemos no cotidiano como é difícil, quase ilusório, querer trabalhar interdisciplinarmente, pois parece que as disciplinas não são "disciplináveis" por causa de seu componente humano. O medo da diferença, do desconhecido, é fonte de angústia; as instituições impõem o vertical, a automatização para não haver mudanças, para que perdure um funcionamento seguro e de dominação.

E se l'ergothérapie *for uma condisciplina por ser indisciplinada?*

Como vimos, se desejarmos passar do profissional para a disciplina, será preciso criar uma nova disciplina, uma nova ciência, que sobretudo seja universitária. Mas então, qual seria nosso objeto de estudo? Podemos realmente imaginar que o objeto de estudo desta nova disciplina seja o *ergon*, quer dizer, a atividade humana?

Se permanecermos no nível daquilo que conhecemos, dos recortes disciplinares, é claro que, com tal objeto, não poderemos desejar uma disciplina. A atividade remete à integralidade das dimensões humanas, como também a nossa animalidade quanto à linguagem, à cultura... Como criar, ainda dentro desta perspectiva fracionada, uma nova disciplina que encontrará seu lugar ao lado das demais, cada disciplina tendo erguido mirantes para defender seu espaço?

Na medida em que uma ciência da atividade humana é poli-epistêmica, não é desejável a criação de uma meta-ciência que reunirá, unirá, os diferentes objetos de estudo relativos à atividade humana. Por um lado, isto implicará que ela possa dizer somente respeito aos pesquisadores, tendo cada qual um curso universitário válido e tendo feito a escolha de participar desta meta-ciência. Não será isto pura ilusão? Por outro lado, é também ilusório considerar uma criação social através da lei, uma tal disciplina para além das disciplinas, pois ela será transdisciplinar. Ora, nós constatamos hoje que esta epistemologia não elucida. Que cientista poderá alegar uma tal legitimidade para defender um tal projeto? Vendo as dificuldades encontradas por Edgar Morin ou Basarab Nicolescu, nós descobrimos o infinito de um tal desejo.

É interessante constatar que os únicos campos nos quais esta dimensão de inter, e mesmo de transdisciplinaridade científica é efetiva, e estão no registro do político, da cidadania, enquanto medida dos engajamentos, por exemplo, de Albert Jacquard e Axel Kahn.

Não obstante, nada nos impede de trabalhar na criação de uma "pequena ciência", quer dizer, uma disciplina que não causará muito medo, que não será muito incômoda. Um pouco como os diagnósticos de enfermagem e de fisioterapia. Isto não tira nada dos médicos, dá prazer aos enfermeiros, aos fisioterapeutas, e deixa uma ilusão de poder, ou mais exatamente, deixa a ilusão da dominação, uma vez que estamos exatamente em uma dimensão de dominação, e não de poder.

Uma outra porta a se abrir é, talvez, a tentativa de sair destas modalidades já existentes que caracterizam a relação entre as disciplinas. Todas estas relações são caracterizadas por uma ligação de dependência, mais ou menos forte, e que se inscreve na dialética do poder e da dominação, do poder e da submissão.

Um objeto reunindo diferentes disciplinas. Seja o investimento sensível com respeito a este objeto frágil, os laços de dependência baixos e os jogos, que passam principalmente pela dominação. Estamos então, no pluridisciplinar. Ora, o investimento é forte e as ligações se equilibram pelos jogos de poder, mas a dependência ao objeto torna-se exclusiva e há a especialização com respeito ao objeto. Estamos, então, no interdisciplinar. Podemos, assim, entrever que a interdisciplinaridade não é obrigatoriamente a panacéia, pois há risco de fechamento em um objeto único, excluindo, pela própria interdisciplinaridade, os outros. Nós podemos constatá-lo nos terrenos das especialidades médicas, *a priori,* transversais, como o estudo das dependências e a medicina física. Nelas, intervém diferentes profissões, diferentes disciplinas conjuntas, o que implica no risco de uma ligação de dependência forte ao objeto, criando cabrestos. Que lugar é, então, deixado à dimensão psi (cológica, quiátrica) do paraplégico? Que lugar é deixado à dimensão funcional do álcool-dependente?

Nós podemos dissertar longamente sobre as virtudes e qualidades respectivas destes prefixos, mas parece-nos importante ir ao fundo. Há um prefixo que falta, e que gostaríamos de propor. "E se *l'ergothérapie* for uma pluri-disciplina?" Ela terá a indisciplina como relação com as outras disciplinas médicas, sociais....

Se escolhemos estes prefixos *in* e *con*, é por que eles exprimem bem o estado de espírito que pode prevalecer nas relações entre as disciplinas. O prefixo *in* caracteriza, certamente, um traço de caráter, mas também, e sobretudo, este espaço-tempo entre as disciplinas. O prefixo *con* contrata a ligação, o "com o outro" como fonte da criação, e do reconhecimento do outro como diferente.

Uma aproximação no nosso transcurso se faz com uma corrente de pensamento relativa à complexidade e à transdisciplinaridade. Parece-nos que o debate iniciado entre Jacques Ardoino, Edgar Morin e Cornelius Castoriadis deve ser prolongado em favor desta visão multireferencial que coloca o tema, em potência, no centro das reflexões. Porém, é esta inscrição visceral de heterogeneidade e do ato da criação, e, assim, do aleatório e do imprevisto, que nos empurra em direção a esta indisciplina. De fato, conceber a ordem como a desordem, ver o caos, é esquecer, atenuar a capacidade da relação com os outros, fazendo emergir, criando algo que não existia anteriormente. Esta ordem e esta desordem não são mais que modificações do que lá já está. Não se trata de preconizar a magia pura, uma nova geração espontânea, mas sim, de pensar este espaço potencial, como nos diria Isabelle Pibarot, como fonte da vida, de risco, de flutuação, onde tudo é possível, mas, onde não se deve fazer tudo dado que se trata de autonomia, pois "o ato é uma aventura", como diz Gérard Mendel...

Por indisciplinaridade, trata-se de olhar todas as zonas de contato das disciplinas que dizem respeito, a fim de ver os limites, as impurezas e os "a margem" que são interrogados. Mas o indisciplinar subentende também a transgressão da lei, em se tratando de direitos e deveres dirigidos a seres sensíveis. Porém, as disciplinas são autogeridas por leis internas que alimentam e autovalidam seus conhecimentos. Estas leis se dirigem à natureza como descrição de uma ordem necessária, e ligando fenômenos sucessivos. Esta ego-legitimação cria, por sua vez, novas leis sempre saídas delas mesmas. Porém, a indisciplinaridade é alteridade e coloca os sujeitos em situações de culpabilidade, e não só de uma responsabilidade bem vista por um ministro.

Nossa proposta é, então, de fundar relações com as outras disciplinas numa indisciplinaridade, o que quer dizer, sobre um não-respeito a terrenos, a fronteiras e a enquadres. Até este dia, seremos uns *para*, uns à margem, tendo que nos misturar a outras disciplinas; tendo que mostrar nosso ponto de vista, mas respeitando a diferença, pois a indisciplina quer justamente dizer que não há uma ordem, uma lógica, uma voz. Esta nova epistemologia não será somente conceito e teoria, ela será elucidada pela clínica, e pela prática, e a expressão das correntes da *ergothérapie* que já conhecemos. Nossos colegas brasileiros se espantam da quase ausência de artigos conceituais e teóricos sobre *l'ergothérapie* na França, ao mesmo tempo em que nos felicitam pela qualidade dos artigos clínicos, situação completamente inversa no Brasil. Porém, a criação de uma disciplina, ou de uma ciência do *ergon*, passa obrigatoriamente pela aparelhagem conceitual, que é o pressuposto de toda metodologia. Então, não se trata mais de olhar para trás do que já foi feito, mas sim, para frente, para o que será feito, o belo e o bem de olhar para fora... Como o fato social não é uma coisa, o *ergon* não o será também. Duas opções se abrem para nós, uma propõe a criação de uma ciência que tenha por objeto um objeto, e uma outra que tenha por objeto as relações de objetos. Mas, já não respondemos a esta distinção através de uma indisciplina, que também é marginal e que será suficientemente poliglota, podendo manter as duas opções juntas?

Um novo dado acaba de aparecer sob a pena de Yves Schwartz em uma obra de 742 páginas de nome evocativo: "Do paradigma ergológico à profissão de filósofo". Devido à falta de tempo antes do fechamento deste número de *ErgOThérapie*, não podemos dizer mais a respeito da proposta de Yves Schwartz, diretor da unidade de pesquisa em *ergologie* da Universidade de Provence. Sua proposta se inscreve em um questionamento sobre a *ergologia*, entendida como ciência da atividade humana, refletindo sobre o fato de que a *ergologia* implica o *ergologue*...

Referências Bibliográficas

Le Grand Robert, Paris, 1992

Étymologie du français, **Les racines grecques**, Encyclopædia Britannica, Paris, 2000

PONTALIS, J.-B., **Fenêtres**, Éditions Gallimard, Paris, 2000

RICOEUR, P., **Du texte à l'action**, Le seuil, Col. Esprit, Paris, 1986

GAGNEPAIN, J., **Du vouloir dire**, volume I&II&III, De Boeck Université, Bruxelles, 1990, 1991, 1995

Notas: [1] O termo ergothérapie não foi traduzido por terapia ocupacional uma vez que, etimologicamente, os termos têm origens distintas (grega e anglo-saxã) remetem a uma epistemologia também distinta. (N.R.).

[2] O termo "condiscipline" utilizado pelo autor é um neologismo com explicação no texto. A revisora o manteve em português numa aproximação analógica ao termo condiscípulos. (NR).